

— Oh! meninos, oh! meninos, aqui, no Hotel Central! Jesus!... Aqui no Hotel Central!...

E, de entre os braços de Cohen, Ega berrava, já rouco:

— Esse pulha, esse cobarde... Deixe-me, Cohen! Não, isso hei-de esbofeteá-lo!... A D. Ana Craveiro, uma santa!... Esse caluniador... Não, isso hei-de esganá-lo!...

Craft, no entanto, impassível, bebia aos goles a sua *chartreuse*. Já presenciara, mais vezes, duas literaturas rivais engalfinhando-se, rolando no chão, num latir de injúrias: a torpeza do Alencar sobre a irmã do outro fazia parte dos costumes de crítica em Portugal: tudo isso o deixava indiferente, com um sorriso de desdém. Além disso sabia que a reconciliação não tardaria, ardente e com abraços. E não tardou. Alencar saiu do vão da janela, atrás de Carlos, abotoando a sobrecasaca, grave e como arrependido. A um canto da sala, Cohen falava ao Ega com autoridade, severo, à maneira de um pai: depois voltou-se, ergueu a mão, ergueu a voz, disse que ali todos eram cavalheiros: e como homens de talento e de coração fidalgo os dois deviam abraçar-se...

— Vá, um *shake-hands*, Ega, faça isso por mim!... Alencar, vamos, peço-lhe eu!

O autor de *Elvira* deu um passo, o autor das *Memórias de Um Átomo* estendeu a mão: mas o primeiro aperto foi goche e mole. Então Alencar, generoso e rasgado, exclamou que entre ele e o Ega não devia «ficar uma nuvem»! Tinha-se excedido... Fora o seu desgraçado génio, esse calor de sangue, que durante toda a existência só lhe trouxera lágrimas! E ali declarava bem alto que Ana Craveiro era uma santa! Tinha-a conhecido em Marco de Canaveses, em casa dos Peixotos... Como esposa, como mãe, Ana Craveiro era impecável. E reconhecia, do fundo da alma, que o Craveiro tinha carradas de talento!...

Encheu um copo de champanhe, ergueu-o alto, diante do Ega, como um cálice de altar:

— À tua, João!

Ega, generoso, também respondeu:

— À tua, Tomás!

Abraçaram-se, Alencar jurou que ainda na véspera, em casa de D. Joana Coutinho, ele dissera que não conhecia ninguém mais cintilante que o Ega! Ega afirmou logo que em poemas nenhuns corria,

como nos do Alencar, uma tão bela veia lírica. Apertaram-se outra vez, com palmadas pelos ombros. Trataram-se de «irmãos na arte», trataram-se de «génios»!...

— São extraordinários — disse Craft baixo a Carlos, procurando o chapéu. — Desorganizam-me, preciso ar!...

A noite alongava-se, eram onze horas. Ainda se bebeu mais conhaque. Depois Cohen saiu levando o Ega. Dâmaso e Alencar desceram com Carlos — que ia recolher a pé pelo Aterro.

À porta, o poeta parou com solenidade.

— Filhos — exclamou ele tirando o chapéu e refrescando largamente a fronte —, então? Parece-me que me portei como um *gentleman*!

Carlos concordou, gabou-lhe a generosidade...

— Estimo bem que me digas isso, filho, porque tu sabes o que é ser *gentleman*! E agora vamos lá por esse Aterro fora... Mas deixa-me ir ali primeiro comprar um pacote de tabaco...

— Que tipo! — exclamou Dâmaso, vendo-o afastar-se. — E a coisa ia-se pondo feia...

E imediatamente, sem transição, começou a fazer elogios a Carlos. O Sr. Maia não imaginava há quanto tempo ele desejava conhecê-lo!

— Oh! senhor...

— Creia Vossa Excelência... Eu não sou de sabujices... Mas pode Vossa Excelência perguntar ao Ega, quantas vezes o tenho dito: Vossa Excelência é a coisa melhor que há em Lisboa!

Carlos baixava a cabeça, mordendo o riso. Dâmaso repetia, do fundo do peito:

— Olhe que isto é sincero, Sr. Maia! Acredite Vossa Excelência que isto é do coração!

Era realmente sincero. Desde que Carlos habitava Lisboa, tivera ali, naquele moço gordo e bochechudo, sem o saber, uma adoração muda e profunda; o próprio verniz dos seus sapatos, a cor das suas luvas eram para o Dâmaso motivo de veneração, e tão importantes como primária. Considerava Carlos um tipo supremo de *chic*, do seu querido *chic*, um Brummel, um d'Orsay, um Morny — uma «destas coisas que só se vêem lá fora», como ele dizia arregalando os olhos. Nessa tarde, sabendo que vinha jantar com o Maia, conhecer o Maia, estivera duas horas ao espelho experimentando gravatas, perfumara-se como para os braços de uma mulher; — e por causa de Carlos